

Prefácio

Camilo Castelo Branco é sem dúvida um dos maiores escritores de toda a nossa literatura. Dito isto assim, poucos se arriscarão a discordar. Mas a verdade é que talvez não sejam muitos aqueles que, interrogados, conseguirão citar, da extensíssima obra camiliana, mais que o “Amor de Perdição”, de que ouviram falar ou leram excertos na escola, e de que talvez até não tenham gostado particularmente, em idade mais avessa a amores impossíveis e histórias sem final feliz.

É, todavia, também verdade que são poucos aqueles que, aventurando-se um dia pelas obras de Camilo, não sucumbem ao intenso prazer da fruição literária: e começa, então, um ciclo, que dura em geral o resto da vida, em que lemos interminavelmente, ou relemos saborosamente essas obras, mesmo quando adivinhamos o destino das personagens, ou nelas reconhecemos modelos e paradigmas encontrados em outros títulos.

Porquê, então, porquê esse gosto que não faz senão crescer, à medida que vamos descobrindo o génio de Camilo? Porquê esse fascínio pelo excesso de sofrimento das personagens, num tempo em que o sofrimento se esconde ou se nega, ou pelo caminho inelutável que elas percorrem para

cumprirem o seu destino, num tempo em que se descrê do destino e se faz bandeira de um livre arbítrio que nada trava?

Arrisco uma resposta, que deixa propositadamente de fora a sublime arte narrativa de Camilo: porque, em tudo quanto ele escreveu, encontramos o retrato intemporal da alma humana, nos seus impulsos e desejos, nas suas esperanças e decepções, na sua luta pelo direito a amar e ser amado, contra tudo e contra todos, contra a morte, até, quando é preciso, e também para além da morte, quando se tem fé.

E, nessa medida, o abismo que parece separar o século XXI do século XIX deixa de ter sentido, e somos capazes de plenamente ler e saborear as suas novelas como nossas contemporâneas. Se outras razões não houvesse, porque em cada um de nós não morreu ainda – e Deus permita que nunca morra – a imensa compaixão para com todos os que caminham para a morte, desamparados e sós, em sofrimento e martírio; porque cada um de nós não pode impedir-se de reconhecer a dimensão intemporalmente humana do conflito, ainda que tantas vezes insanável, entre a liberdade individual e os afectos, por um lado, e as convenções e regras impostas, os interesses patrimoniais ou os tabus, por outro; porque em cada um de nós não morreu ainda a teimosa certeza de que o amor tem mais força do que a morte, ou pelo menos acalentamos a esperança de que assim seja.

“A Sereia” é uma das novelas passionais de Camilo mais curiosas: porque houve um manuscrito real, que sugeriu e norteou a sua trama. Camilo ‘apaixonou-se’ por figuras que existiram de facto, fez delas personagens tocadas e abatidas pelo trágico, condenadas à desgraça, soberbas, ainda assim, na queda, na ruína, e na morte.

J. Filipe Ressurreição é um jovem estudioso de Camilo. Mais do que isso, antes disso, é um dos que um dia ficou

Prefácio

preso à obra de Camilo. Mas que não se contentou em lê-la: procurou a reflexão e a análise que a pode iluminar segundo parâmetros e perspectivas pertinentes e originais. Neste caso, lança-nos um desafio, válido para “A Sereia”, mas extensível eventualmente a outras novelas: ver em Camilo uma linha de continuidade da tradição da tragédia clássica, em seus modelos, categorias e materializações. Porque Camilo, que lia, estudara e amava os clássicos, bem sabia que era na Antiguidade greco-latina que mergulham as nossas raízes mais fundas.

Maria Cristina Pimentel